

DISTRITO INDUSTRIAL DE JUPIÁ: A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE PROGRESSO EM TRÊS LAGOAS/MS - 1970

Walter de Assis Alves¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo compreender o processo que culminou em mudanças nas estruturas socioeconômicas e políticas de Três Lagoas, a partir da dinâmica de sua industrialização que irá eclodir na segunda metade da década de 1990, para tanto, se faz necessário retomar o tempo histórico e buscar na década de 1970 os meandros que compõem as ações dos sujeitos responsáveis por construir as bases de um ideal de *progresso* que a partir desse período segue enraizado no discurso de determinado grupo da sociedade, alcançando, em momentos de euforia, o *status* de ideal maior, transcendendo as aspirações que permeiam o universo de intenções políticas da elite econômica e política local. Neste sentido, o conceito de *progresso* vem acompanhado de palavras como: *desenvolvimento, emprego, oportunidades, etc.*, propondo significar algo bom para a cidade e seus habitantes.

PALAVRAS-CHAVE: Industrialização. Discurso. Progresso.

Jupiá industrial district: the construction of progress discourse in Três Lagoas/MS – 1970

ABSTRACT: This article has the objective to understand the process that culminated in changes in Três Lagoas socioeconomic and political structures, from the dynamics of industrialization that will hatch in the second half of the 1990s, therefore, it is necessary to recover the historical time and seek in the 1970s the intricacies that make up the actions of subjects responsible for building the foundations of an ideal of *progress* that from this period follows rooted in certain discourse group in society, reaching, in moments of euphoria, the *status* of higher ideal, transcending the aspirations that

¹ Discente no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, MG. Este artigo foi escrito em agosto de 2007, como conclusão da disciplina "Tecnologia, Trabalho e Relações Sociais" ministrada pela Professora Dra. Dilma Andrade de Paula no Programa de Mestrado em História Social da Universidade Federal de Uberlândia.

permeate the universe of political intent of the economic elite and local politics. In this sense, the concept of progress is accompanied by words such as: *development, employment opportunities, etc.*, proposing mean something good for the city and its inhabitants. KEYWORDS: Industrialization. Discourse. Progress.

A definição que toma o conceito de *progresso*, no decorrer do artigo não acompanha a acepção que ele ocupa no discurso das elites dominantes, indo além de seu valor simbolicamente construído, materializado na produção fabril e geração de empregos. Busco fundamentar minha análise no pensamento do intelectual italiano Antônio Gramsci e no trabalho crítico de desconstrução do *mito do progresso* presente no discurso das classes hegemônicas capitalistas, abalizado pelo economista Gilberto Dupas.

Antônio Gramsci afirma estar, o sentido de *progresso*, dependente de certa mentalidade constituída por elementos culturais historicamente determinados. Na sua acepção mais corrente está subentendida a possibilidade de uma mensuração quantitativa, *o mais e o melhor*. O autor salienta ainda:

O nascimento e o desenvolvimento da ideia de progresso correspondem à consciência difusa de que se atingiu certa relação entre a sociedade e a natureza [...] relação de tal espécie que os homens – em seu conjunto – estão mais seguros quanto ao seu futuro, podendo conceber ‘racionalmente’ planos globais para sua vida. (GRAMSCI, 1991, p. 44-45).

Desse modo, delinea-se um quadro em que o desenvolvimento econômico de Três Lagoas é idealizado por um grupo de pessoas que tem interesse na instalação de fábricas nesta cidade. O discurso de *progresso* vem constituído da possível constituição de uma sociedade capitalista industrial que, no olhar dos agentes desse grupo, vai beneficiar quem nela encontra-se inserido. Entretanto, os sujeitos que trazem em seu discurso tal conceito abrangem a cúpula dos dirigentes da cidade e, provavelmente, atuam em busca da realização de interesses particulares e não da sociedade como um todo.

Nesta lógica discursiva, a produção industrial é apontada como chave para a promoção do *progresso*, as mudanças ocorridas ecoam como desejadas, capacitadas a tornar a vida das pessoas mais justas. Todavia, ao adentrar a realidade existente no

interior do universo social em processo de transformação por força da instalação de fábricas, o que se percebe pouco condiz com o que vem a ser a univocidade semântica que o conceito ocupa no discurso de parte da elite hegemônica de Três Lagoas.

Ao trabalhar com uma acepção mais realista, menos discursiva, dos sentidos apreendido no conceito de *progresso*, o economista Gilberto Dupas complementa: “A capacidade de produzir mais e melhor não cessa de crescer e assume plenamente a assunção de **progresso**; mas esse **progresso**, ato de fé secular, traz também consigo exclusão, concentração de renda e subdesenvolvimento” (DUPAS, 2006, p. 11. Grifo do autor).

É inelutável desejarmos o *progresso*. Para Gilberto Dupas, obtê-lo não significa a melhoria necessária da qualidade de vida para a maioria das pessoas. O conceito de *progresso* é contraditório quando avaliado sob a luz da evolução dos padrões civilizatórios e associado à realização plena das potencialidades humanas, em direção à justiça social, com igualdade e condição de garantir um melhor porvir (DUPAS, 2006, p. 14-26).

Empreendendo uma maior aproximação crítica do conceito, esse autor aponta que, em *progresso*, está inculcada a ideia de caminhar em direção a algo benévolo que conduz a um maior número de existências felizes, com homens cada vez mais livres; ocultando o contraditório, as fissuras e fraturas que, com efeito, o desenvolvimento apresenta ao sobrecarregar a vida de milhares de pessoas, em todas as horas do dia. Por conseguinte, a exploração e repressão capitalista forjam novos sentidos plurais para suas ações, atuando com significados diferenciados em diferentes lugares. Em última análise, para Gilberto Dupas, nos países pobres:

[...] o entendimento de que se está inserido no progresso ou na evolução tecnológica é feito somente pela via do consumo. As elites – e a população em geral, por simbiose – pensam que basta usar os novos produtos para alcançar a modernidade; é o caso dos i-pods, das TVs de plasma e outras novidades sempre a surgir. Entramos, pois, apenas com o lado dos explorados, ou seja, as vantagens do desenvolvimento tecnológico – geração de riqueza através de empregos e renda para quem desenvolve, fabrica e comercializa produtos tecnológicos – ficam com os países ricos e suas corporações globais. (DUPAS, 2006, p. 279).

A submissão ao aparato tecnológico, de certo modo, tem o atributo de trazer conforto e aumentar a produtividade do trabalho. Entretanto, teço considerações

diferenciadas daquelas trazidas junto ao discurso das elites, sobre a evolução tecnológica, o *progresso*; expondo algumas perspectivas que demonstram determinada ineficiência na tentativa de garantir a realização desses predicados.

O periódico *Jornal do Povo* é apresentado neste trabalho como ferramenta para tornar possível o contato do pesquisador com o objeto a ser pesquisado, por meio dele, a elite econômica e política treslagoense tem divulgado suas ações e seus interesses, facilitando o debruçar-se sobre suas páginas para tentar entender as atuações que encerraram em acontecimentos históricos, no caso em tela, a industrialização de Três Lagoas. Homens e mulheres e suas ações, impregnadas de ideologia, são aqui os atores responsáveis por construir o enredo e interpretar, dentro da trama, papéis relevantes neste palco político-econômico e social, que alicerça o discurso de *progresso* na mentalidade do poder local, arrastando por anos o tilintar deste ideal, até a sua realização.

A configuração do ideal de *progresso* tem o seu germinar a partir da construção da Usina Hidrelétrica de Jupia², que foi concluída em 1974. Nesse momento alguns sujeitos pertencentes a elite econômica e política local passam a tencionarem a construção de um distrito industrial na cidade, conduzidos pela perspectiva de utilizar o potencial energético disponível pela hidrelétrica.

O professor e redator do *Jornal do Povo*, Benedito Costa, responsável pela produção de artigos que trazem a lógica do desenvolvimento econômico por meio da industrialização, garante ser o futuro da cidade banhada pelo despontar rumo à grandeza, ao *progresso*, a constituição de uma sociedade capitalista industrial, por este viés idealiza: “Três Lagoas será – não tenhamos dúvida – a maior cidade industrial da região Centro-Oeste” (COSTA, 1975, p. 01). Deste modo vai florescendo a intenção de colocar a cidade em posição de destaque entre as cidades brasileiras; oportunamente incentivado, por meio dos investimentos feitos em infraestrutura no país.

Os sujeitos que promovem em seu discurso a intenção de trazerem fábricas para Três Lagoas pertencem à elite econômica e política local, tendo, em sua composição,

² A Usina Hidrelétrica de Jupia – Usina Hidrelétrica Engenheiro Souza Dias -, construída entre os anos 1969 e 1974, possui 1.560.000 KW de potência gerada. Essa hidrelétrica faz parte do Complexo Hidrelétrico de Urubupunga que contabiliza um total de 4,6 milhões de Kw de potência energética. Situada sobre o Rio Paraná, na intersecção com o Rio Sucuriú, no ponto chamado Jupia, entre as cidades de Três Lagoas (Mato Grosso do Sul) e Castilho (São Paulo). (SECRETARIA Municipal de Assistência Social, 2005, n/p).

políticos e empresários. Compreendidos como aqueles que formam a cúpula dos dirigentes da cidade, agindo em busca da realização de interesses distintos, projetam a imagem de representantes dos interesses de todas as comunidades existentes no âmbito do município.

Os documentos que nortearão o caminho da investigação proposta são compostos pela compilação de matérias publicadas no *Jornal do Povo*. Esse periódico fundado em 1949³ traz em suas matérias a possibilidade de analisarmos a atuação daqueles personagens que fomentaram a busca pelo desenvolvimento industrial de Três Lagoas. Por meio deste jornal procuro entender a intensidade do discurso de *progresso*, identificando a posição que determinados sujeitos ocuparam no forjar deste ideal.

O *Jornal do Povo* tem em seu histórico a presença de políticos em sua diretoria e está desde a década de 1970 sob a administração de uma mesma família, abarca no bojo de suas matérias a configuração de assuntos que versam sobre a tentativa de imprimir o desenvolvimento da cidade, o assunto industrialização tende a aparecer nas páginas do jornal acompanhado do nome de seus idealizadores, com o intuito de atribuir valor ao nome de determinados sujeitos como homens de ação, que caminham sempre em direção ao futuro:

Ninguém pode negar que o Sr. Hélio Congro imprimiu novas e produtivas diretrizes a administração municipal. O Distrito Industrial de Jupiá pelo qual batalhou e vem batalhando e que esperamos seja por ele implantado representa por si só uma administração. Aquilo que dali advirá para Três Lagoas em um futuro não muito remoto será qualquer coisa que só mais tarde poderá ser analisada com correção. (FATO em Foco, 2 fev., 1975, p. 01).

Desde já se percebe a tendência direcionada pelo jornal, que é cobrir a atuação de cidadãos que atuam politicamente e possuem prestígio econômico no âmbito local. Em sua primeira página as matérias são sempre apresentadas com o título: *Fato em Foco*, nem todas as matérias são assinadas, os artigos assinados pertencem ao

³ O *Jornal do Povo* foi fundado pelo Senador Filinto Müller juntamente com a participação de um grupo político sob sua liderança. Inicialmente o jornal tinha como objetivo divulgar as ideias partidárias do Partido Social Democrata. Em 1962, o promotor público Stênio Congro assumiu a direção do jornal, como redator e administrador, colaboravam o professor Benedito Costa e o capitão Oscar Ferreira Botelho, que escreviam, revisavam e dirigiam o jornal. Em 1978, Rosário Congro Neto passa a ser sócio do jornal, mudou o perfil do jornal, que passou a ser mais empresarial e menos político (HISTÓRICO, 2007).

professor Benedito Costa, figura que assume o papel de divulgador dos interesses do grupo que forma a elite orgânica⁴ da cidade. Percebem-se estes como provedores de força político-econômica que dominam de forma consciente as esferas do poder, formando assim o núcleo de intelectuais orgânicos, responsáveis por agirem em busca de uma direção que dinamize o desenvolvimento de Três Lagoas.

Devo ressaltar também como a imprensa escrita no Brasil atua neste período, por força da censura imposta pelo Governo Militar com o Ato Institucional n. 5. Maria Aparecida de Aquino, em seu estudo sobre a censura no período de 1968 a 1978, analisa a intensificação da repressão por meio da censura à imprensa escrita, articuladora de mecanismos para impedir a participação e representação dos cidadãos no nível institucional, “limitando ou extinguindo liberdades democráticas e suspendendo garantias constitucionais” (AQUINO, 1999, p. 206).

As matérias publicadas no *Jornal do Povo*, selecionadas para comporem as fontes estudadas pela presente pesquisa, foram editadas dentro de um período relativo à vigência da censura política do Estado autoritário brasileiro. Entretanto, essa condição parece em nada alterar o teor das intenções apresentadas nas publicações deste jornal, pois as matérias aparentam determinada conformidade com os ideais do Estado, podendo serem apreciadas como publicações de jornal convencional com circulação restrita à cidade de sua edição e cercanias, dedicado à defesa dos interesses políticos vigentes na época, constando entre seus redatores o capitão do Exército Brasileiro, Oscar Ferreira Botelho.

Para tratar de forma compreensiva das questões que versam sobre a atuação do grupo orgânico dentro da realidade treslagoense e entender o processo de formação do ideal de *progresso* na cidade e como esse passa a se manter presente no discurso daqueles que dominam o poder político local, utilizo novamente os princípios teóricos de Gramsci, que analisa a maneira como atuam determinados grupos que exercem a função essencial no mundo da produção econômica.

⁴ É usado no texto o termo *elite orgânica*, que aqui é emprestado de René Armand Dreifuss, que o formula apoiado em Gramsci quando pontua: “pelo menos uma elite entre eles tinha a capacidade de ser os organizadores de seus interesses e da sociedade” Essa elite, dos intelectuais orgânicos, forma uma força social como organizadora de sua própria classe e da sociedade. (DREIFUSS, 1981).

Para o autor, os agentes trazem inseridos em seu universo de relações “uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico mas também no social e político” (GRAMSCI, 2001, p. 15). Estes intelectuais, por sua vez, representam a ampliação e domínio desta camada sobre as outras existentes, seja no cenário local, ou global. Daí tem-se a condição de controle hegemônico dos interesses de classe, pois estes passam a atuar conscientes e organizados, mesmo de forma restrita, essa autoconsciência crítica significa tanto histórica, quanto politicamente a criação de uma elite de intelectuais, Gramsci salienta que:

[...] uma massa humana não se distingue e não torna independente “por si”, sem organizar-se (em sentido lato); e não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes, sem que o aspecto teórico da ligação teoria – prática se distinga concretamente em um estrato de pessoas “especializadas” na elaboração conceitual e filosófica. (GRAMSCI, 1991, p. 21. Grifo do autor).

Desse modo, a elite orgânica participa ativamente na elaboração e difusão de suas concepções acerca do que acham importante para suas vidas, enquanto comunidade organizada ativamente através do trabalho e da técnica, e para a vida do conjunto geral da população, enquanto submissos aos seus interesses.

A compreensão da atuação deste bloco social, dentro do processo de formação do ideal de *progresso*, é feita com base em orientações que auxiliem a construção de uma interpretação das condições de existência e atuação da elite orgânica local, que se mostra organizada politicamente, divulgando por meio da imprensa seus interesses e ações. Faz-se pertinente a presença, na configuração do grupo, de um progresso filosófico percebido pela capacidade de formulação de suas ideias e, por sua vez, da possibilidade de divulgação deste aparato ideológico no cenário local, superando assim o senso comum e projetando formas de pensar e agir bem estruturadas.

1975, fábricas para Três Lagoas: ideologia e ações da classe dominante

Após a construção da hidrelétrica, o prefeito de Três Lagoas, Hélio Congro, juntamente com outros políticos e empresários, buscam o apoio do diretor da CESP (Centrais Elétricas de São Paulo), Lucas Nogueira Garcez, solicitando que advogue junto a esta empresa de energia elétrica, na questão de doação de uma área destinada

para instalação de um distrito industrial na cidade. A “doação” é feita em janeiro de 1975, com a desapropriação de uma área de quatrocentos e cinquenta e cinco hectares – que custou ao poder público 316 mil cruzeiros – situada à margem esquerda da Usina Hidrelétrica de Jupia (FATO em Foco, 16 fev., 1975, p. 01).

Ao efetivar-se a desapropriação da área destinada para instalação de fábricas, em seguida é criada a Lei Municipal número 435, de 20 de janeiro 1975, que atribui estímulos fiscais para atender aos propósitos de indústrias que venham a instalar unidades de suas fábricas na cidade, abrangendo também, doação de terreno para instalação de fábricas, implantação de infraestrutura no perímetro das instalações. No mais, a lei dá pleno poder para que o chefe do executivo municipal divulgue por meio de revistas especializadas e crie uma edição impressa do projeto do distrito industrial (PREFEITURA Municipal de Três Lagoas Estado de Mato Grosso, 1975).

Antes mesmo de concluído a construção do espaço destinado a atender a instalação de fábricas, foi elaborado todo um aparato ideológico para atender à expectativa da administração municipal, esperam-se as fábricas como sendo o *eldorado* da região do bolsão mato-grossense. Homens eufóricos e carregados de ganância vislumbram a chegada de fábricas vindo do outro lado da margem do Rio Paraná (Estado de São Paulo), para alimentar seu pequeno poder político e econômico, dando-lhes o *status* de senhores do *progresso*, favorecendo o perpetuar de seus nomes nas páginas da história local.

Outro desdobramento que norteia as articulações políticas locais versam sobre o nome a ser dado para o futuro distrito industrial. Tal exercício faz renascer discussões a respeito das oportunidades perdidas no passado: “Devemos nos lembrar que nossa terra, embora tenha aproveitado alguma coisa, perdeu enormes oportunidades de progredir de fato quando das obras da grande Barragem de Jupia” (FATO em Foco, 2 fev., 1975, p. 01). O caso em tela se refere à denominação dada para a barragem, visto que acreditam que seria vantajoso se a Usina Hidrelétrica de Jupia tivesse recebido o nome de “Usina Hidrelétrica de Três Lagoas”.

Se assim fosse, na concepção desses dirigentes que tendem a representar os interesses do lugar, a cidade teria projeção no mundo inteiro, por força da fama da hidrelétrica. A culpa de tal negligência é depositada na administração municipal anterior

e é tida como exemplo para que não cometa o “erro de nomenclatura” novamente, para tanto, propõe-se o seguinte nome para o distrito industrial: “Distrito Industrial de Jupiá em Três Lagoas”, pegando assim uma carona na suposta projeção exercida pela hidrelétrica em todo Brasil e boa parte do “estrangeiro” (FATO em Foco, 2 fev., 1975, p. 01).

É notável o desejo de colocar Três Lagoas no circuito do desenvolvimento brasileiro. Analisando o cenário político e econômico nacional entre 1968 a 1974, veremos que o mesmo corrobora para essa inflexão dos interesses municipais, ou seja, várias cidades brasileiras irão redimensionar suas intenções em novas direções, na tentativa de conseguir do orçamento nacional investimentos para sua região.

No contexto nacional, o Brasil encontra-se passando por um processo de desenvolvimento sedimentado pelo acontecimento que ficou conhecido como “*milagre brasileiro*” em alusão ao milagre americano, japonês e alemão das décadas de 1950 e 1960.⁵ Entre 1969 e 1973 a economia brasileira cresceu 10,6 e 11, 4% respectivamente, com investimentos estatais desempenhando importante papel nesse crescimento. Os pontos básicos responsáveis, dentre outros, foram “estimulo a exportações de manufaturados, a realização de vultosos investimentos em infraestrutura e, sobretudo, a importação de capitais’ (CENTRO da Memória da Eletricidade no Brasil, 1988, p. 194).

A crise do petróleo a partir de 1973 provoca abalo na economia de países desenvolvidos e repercute na economia brasileira por força da ocupação de destaque na economia nacional de empresas estrangeiras que importavam insumos básicos e bens de capital e enviavam para o exterior os lucros realizados, desse modo causando também a crise do “milagre brasileiro”. Diante desse quadro de ascensão e queda da economia nacional, é lançado pelo Governo Federal em 1974 o II Plano Nacional de Desenvolvimento, que pretende ajustar a economia do país em detrimento do choque

⁵ O “milagre econômico brasileiro”, termo cunhado pelos governos militares do Brasil, faz alusão ao período de expansão econômica em países de capitalismo avançado. Como afirma David Harvey, neste período os padrões de vida se elevaram, as tendências de crise foram contidas, a democracia de massa preservada e as ameaças de guerras contidas. O fordismo aliou-se ao keynesianismo e o surto internacional de expansão capitalista garantiu a ascensão de uma série de indústrias baseadas em tecnologias amadurecidas tornaram-se propulsoras de crescimento econômico, concentrado em uma série de países de grande produção da economia mundial como EUA, Alemanha, França, Inglaterra e Japão; esses países absorviam grandes quantidades de matérias-primas do resto do mundo e procuravam dominar o mercado mundial com seus produtos. Essa expansão teve sua trajetória conduzida até a recessão de 1973, com o advento do choque do petróleo. (HARVEY, 2006. p. 115-183).

provocado pela crise do petróleo. Procuraram-se investir uma parcela significativa dos recursos financeiros nacionais em projetos siderúrgicos, hidrelétricos, de química básica e mineração, num esforço de crescimento econômico com medidas agressivas de desenvolvimento das chamadas “áreas vazias” do país (CENTRO da Memória da Eletricidade no Brasil, 1988, p. 194).

Aproveitando o estágio em que se encontram os desdobramentos da economia nacional, entre altos e baixos, investimentos foram desprendidos em várias direções, chegando bem perto de Três Lagoas. Entretanto, segundo o olhar dos idealizadores da industrialização treslagoense, havia uma barreira que impedia tais investimentos de alcançarem a cidade: o Rio Paraná, fronteira natural entre o Estado de São Paulo, foco de grandes investimentos estatais e responsável por produzir parte significativa da riqueza nacional, e o Estado de Mato Grosso, carente de orçamentos que propiciasse o seu desenvolvimento. Esta situação é apresentada nas páginas do *Jornal do Povo* da seguinte maneira:

Três Lagoas nunca foi beneficiada – a não ser talvez por via indireta – pelos grandes projetos implantados no Estado pelo Governo Federal. Temos sido até o momento um filho enjeitado de pais pobres, competindo, por isso, a nós próprios incentivar o nosso desenvolvimento [...] Poderão dizer que somos ligados diretamente e com facilidade ao Estado de São Paulo, seria absurdo esperar que algo viesse de lá. As barreiras naturais provocadas pelas legais questões de jurisdição e autonomia dos Estados seriam empecilhos inevitáveis e intransponíveis. (FATO em Foco, 18 mar., 1975, p. 01).

De modo crucial, ainda na observação apresentada pela matéria do *Jornal do Povo* a cidade, na condição de vizinha do Estado de São Paulo, é desprezada por seu próprio Estado, impedindo-a de receber verbas do orçamento estadual, maneira peculiar de analisar o seu ostracismo econômico, se considerado o tamanho do Estado de Mato Grosso, pode-se apreciar sua extensão territorial e diversidade como “empecilho” para se fazer uma regular distribuição do capital estadual destinado a desenvolver economicamente a região.

Em outros momentos as condições econômicas do Estado de Mato Grosso também são percebidas como responsáveis pela dificuldade de se alcançar o progresso desejado: “Nosso progresso tem sido lento, mesmo considerando o maravilhoso Complexo Hidrelétrico de Jupiá em pleno funcionamento que, se não trouxe maior

desenvolvimento a essa cidade, foi em decorrência de nossa própria subestrutura econômica” (JOBALO, 15 jun., 1975. Não paginado).

Ao observar o desenvolvimento chegar bem perto e não alcançar seu território, o discurso jornalístico apresenta determinado paradoxo. Por um lado, tal situação é trazida como *carma* territorial no que se refere ao posicionamento geográfico; por outro lado, ser vizinho do Estado mais rico da federação também é visto como motivo de privilégio: “A situação geográfica de Três Lagoas é das mais invejáveis, dada a sua divisa com o Estado de São Paulo [...]” (DISTRITO Industrial de Jupiá – em Três Lagoas, 16 mar., 1975, p. 01). Essa perspectiva será percebida por várias vezes no decorrer das análises feita nos textos do *Jornal do Povo*.

Desse modo, a condição nacional, em que o governo brasileiro injeta verba para tentar levantar a economia do país, a presença dos investimentos federais refletidos na construção de infraestruturas para atender a demanda de novos investimentos privados e estatais, são motivos para alimentar o sonho de empreendedores e grupo político de Três Lagoas, que querem estar inseridos nesta lógica. Entre descontentamentos com a localização territorial ocupada pela cidade – pertencer a um Estado menos privilegiado, no que concerne aos investimentos em infraestrutura -, e a esperança de receber auxílio de fora, diga-se de passagem, do Estado de São Paulo, os dirigentes da cidade irão prosseguir com suas propostas de forjar a travessia de indústrias para o outro lado da barranca do rio Paraná.

O lançamento da pedra fundamental do distrito industrial segue ocupando representativo espaço no discurso da elite orgânica local. Estes continuam a fazer planos para atender a chegada das possíveis fábricas. Acredita-se que tal espaço será um dos mais modernos da América do Sul, com a instalação de porto para escoar mercadorias através de hidrovia no Rio Paraná, instalação de aparelhos despoluidores, construção de desvios ferroviários, escolas, *play-grounds*, jardins, estacionamentos, zonas verdes e “[...] tudo que necessita para viver bem uma comunidade devidamente planejada” (COSTA, 1975, p.01).

Um verdadeiro sonho de distrito industrial, algo que ultrapasse a realidade do que é realmente um distrito industrial concreto, se considerarmos a observação feita por

François Chesnais e Claude Serfati⁶, tendo por base os meios de produção e forma de vida social conduzidas pelos grandes grupos industriais e financeiros, uma vez que, a maneira como é conduzida a reprodução social do capital com modelos de desenvolvimento direcionados para países periféricos, difundidos a partir dos centros do capitalismo, abarca também a exploração do trabalho, em que homens são privados dos meios naturais de vida, estranhamento dentro do ato de produção fabril, devastação da biosfera e da natureza, crescimento desordenado de áreas urbanas, ganância por lucro, só para citar algumas das *chagas* que acompanham a montagem de distritos industriais, independente dos territórios em que forem construídos.

A história da industrialização nunca apresentou harmonia entre capital e trabalho. Homens são arrancados de sua condição natural, normas e hábitos mais complexos e rígidos são impostos por meio de coerção, fábricas não são ambientes idílicos para deleite de trabalhadores. A ideia de distrito industrial reproduzida de forma a parecer um “jardim dos sonhos”, propondo “dar” condição de vida aos que ali estiverem, com áreas verdes e *play-grounds*, é muito débil, considerando que, para o capital, os trabalhadores só ocupam o espaço fabril para aproximar as matérias primas e peças das máquinas.

Com o trabalhador em Três Lagoas, não é e nem será diferente como em qualquer canto remoto do planeta, no plano real o que se tem é o redimensionamento de suas vidas para dentro da lógica do capital com o intuito de proporcionar a elevação da taxa de exploração do trabalho, não deixando que este escape a sua “condição de mercadoria” (MARX, 2004, p. 79-90). Tem-se a intenção de construir um espaço fabril em Três Lagoas com uma comunidade devidamente planejada, mas planejada nos moldes de exploração desenvolvidos a partir dos interesses dos membros ligados ao bloco da “economia nacional”,⁷ empreendendo formas para ampliar a extração de valor

⁶ François Chesnais e Claude Serfati percebem a necessidade de uma releitura complementar de Marx para melhor compreender a nova roupagem do capitalismo, que por meio de pressões coletivas exercidas pelo Estado, industriais e grupos financeiros, vendem um modelo de desenvolvimento para países periféricos forjando modos de vida e consumo que degradam a biosfera e a natureza, em favor de um “bem comum” o *progresso* global. (CHESNAIS; SERFATI, 2003, p. 39-75).

⁷ Marx conceitua a economia nacional como espaços de expropriação do trabalho pela propriedade privada, em que ela nega a explicação e esclarecimento a respeito dos fundamentos da divisão entre trabalho e capital – crítica a Adam Smith, considerado por Marx um economista nacional. Para Marx nós devemos conhecer a interconexão essencial de todo estranhamento com o sistema do dinheiro, da propriedade privada da terra, a ganância, a separação

do trabalho, e se possível com menor probabilidade de resistência, fazendo com que o trabalhador se submeta às novas normas de trabalho a ele impostas como condição única de inserção no famigerado mercado de trabalho, na condição de alma da produção, mas sem dela tirar vantagens, pois as vantagens cabem à propriedade privada dos meios de produção.

O que poderia ser percebido no discurso de futuro melhor, apresentado acima, seria algo como um sonho inocente de seus idealizadores, se não estivéssemos analisando mecanismos forjados por dirigentes politicamente estruturados, astutos e capazes de levarem adiante seus ideais até as últimas consequências. A realização individual ou do grupo é o que mais importa neste jogo. Antes de quererem ver a cidade cheia de fábricas, estes possuem seus próprios interesses, que envolvem lucro, prestígio e a manutenção do poder.

Discursos políticos têm esse intuito: construir aspirações que deem credibilidade para seu portador. Talvez seus projetos não venham a tornar fato concreto, mas atingem no conjunto da sociedade o valor subjetivo de se querer o bem da comunidade, formando no senso comum a mentalidade de serem esses homens sujeitos capazes de idealizarem projetos, mesmo que as condições não permitam levar tal projeto além do âmbito das abstrações. Datas são marcadas para a suposta inauguração do distrito industrial, mas esse ainda é só projeto, e Três Lagoas ali tão perto do *progresso*, nas sombras de uma das maiores hidrelétricas do mundo – capaz de gerar as engrenagens de centenas de fábricas – ainda economicamente sustentada pela agropecuária.

O que fazer para progredir, alcançando espaço no setor de indústrias de transformação? Esse é o dilema que tanto perturba a elite orgânica local. Dentre os sujeitos que compartilham do mesmo ambiente de relações que o grupo dos representantes do ideal de *progresso*, existem aqueles que veem a ideia de fazer prosperar a cidade, apenas como atavios de mera articulação política, pouco fundamentada, ficando apenas no âmbito do discurso, o que causa irritação nos representantes de tal ideia.

do trabalho, capital e propriedade da terra, de troca e concorrência, de valorização e desvalorização do homem, de monopólio e concorrência. (MARX, 2004, p. 80-87).

Os críticos são considerados donos de uma visão endêmica, “afadigados e derrotistas”, prejudicando toda e qualquer iniciativa. No dizer de Benedito Costa: “Há dias fomos interpelados por um desses: – Cadê as indústrias que o ‘Jornal do Povo’ anunciou que viriam para Três Lagoas? Como é, não se fala mais nisso? Era tudo conversa para encher papel?” (COSTA, 1975, p. 01).

As respostas a tais questionamentos vêm carregadas de justificativas do tipo: indústrias não se locomovem e se instalam de uma hora para outra, primeiro é preciso que se implante o distrito industrial, tudo deve ser devidamente planejado, não devemos permitir que as indústrias poluidoras se instalem em qualquer lugar, não se consegue empreendimentos de uma hora para outra.

Estamos falando de uma cidade em que predomina a pecuária, é de se esperar que exista divergência de interesses na direção a trilhar, quanto à perspectiva político-econômica. Mudanças produzem contrariedade, há de se querer sempre mais lucro, mas alguns o querem sem mudar o rumo das coisas. Suponho que a concretização da industrialização possa acarretar o aumento do prestígio do grupo que está no poder, garantindo a sua manutenção na administração municipal. No mais, as vantagens despendidas dentro do jogo político empresarial, se concretizado a atração de fábricas para a cidade, tendem a serem direcionadas para atender os possíveis industriais, o que pode levar alguns pecuaristas a temerem serem desfocados do cenário de disputas políticas e econômicas, formando, deste modo, uma corrente ideológica inversa ao dos interesses dominantes.

Acelera-se o processo de inauguração do Distrito Industrial, este feito já se apresenta mais do que necessário para tentar acalmar os ânimos dos representantes das elites da cidade. É marcado para a celebração do ato de fundação, o dia 4 de março de 1975, depois é adiado para 12 do mesmo mês, com anúncio na imprensa:

No dia 12 teremos a concretização daquilo que vem sendo ansiosamente esperado pelos treslagoenses, pois será oficialmente implantado o Distrito Industrial de Jupia – em Três Lagoas [...] Nem todos porém, ainda se aperceberam da magnitude do empreendimento. Alguns, os mais pessimistas, ainda duvidam que indústrias, quaisquer que sejam se abalancem até Três Lagoas. Esses serão convencidos em breve, porque só fechando os olhos e tapando os ouvidos, não verão as fábricas e ouvirão seus apitos, nestes próximos cinco anos. Três Lagoas, a partir da implantação oficial de seu Distrito Industrial, um dos mais bem planejados do país,

marchará a passos firmes para tornar realidade o sonho de Rosário Congro – e transformar-se na Manchester Brasileira. (FATO em Foco, 5 mar., 1975, p. 01).

Segue a matéria ressaltando os privilégios geográficos e exaltando a memória de Rosário Congro⁸, idealizador do projeto, e de Hélio Congro, provedor do passo inicial que levará a cidade a tornar-se “a Manchester brasileira”. E já pontuam aqueles que despendarão seus investimentos:

Industriais japoneses, italianos, americanos e nacionais estarão aqui irmanados com o treslagoense, abraçando a mesma causa, a causa comum que não é apenas de Três Lagoas [...] 12 de março, além de ser a aurora de um novo dia para Três Lagoas, será também para Mato Grosso e para o País, porque assinalará – em um futuro não muito remoto o ingresso da região Centro-Oeste na competição industrial brasileira. (FATO em Foco, 5 mar., 1975, p. 01).

Segundo a matéria, tem-se aqui a expectativa não apenas de inaugurar um pequeno pólo industrial, e sim um exemplo de grandeza do *industrialismo* nacional, com capacidade para atrair investimentos diversos com fábricas multinacionais ocupando o seu espaço. É enfatizada também a ocasião de sua fundação como data magna para a cidade, representando o ponto divisor entre um passado alimentado pela pacatez de uma cidade provinciana, e o futuro movido pela dinâmica acelerada do desenvolvimento industrial.

Eis a grandeza do discurso, caminhando lado a lado com a simplicidade da realidade. A que extensão podem propagarem-se os esforços sedimentados no bojo das matérias do *Jornal do Povo* com tiragem de baixa circulação? E a cidade, com sua população de aproximadamente 42 mil habitantes na área urbana e 15 mil na área rural⁹, têm estrutura para receber investimentos econômicos de peso? Até que ponto consegue expressar-se convincente as propostas apresentadas, considerando a estrutura condicionante para receber concretamente toda a magnitude discursada.

A fundação do Distrito Industrial de Jupiá

⁸ Foi prefeito nomeado pelo interventor federal do Estado de Mato Grosso, por decreto de lei do Governo Estadual nº 39 de 10 de julho do ano de 1941, afastado do cargo com o fim do Estado Novo em 1945, retornou à prefeitura através do voto livre e governou até 1947, ocupou outros cargos políticos no Estado.

⁹ Inclui-se nestes valores a cidade de Selvíria, neste período distrito de Três Lagoas, com uma população de aproximadamente seis mil habitantes. (FUNDAÇÃO Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 1970, p. 234-341).

Por fim chega o dia da inauguração do tão almejado Distrito Industrial de Jupiá, 12 de março 1975. Em ato solene é descerrado a placa inaugural, com a presença do governo do Estado de Mato Grosso, José Fragelli; o Diretor-Presidente da CESP, Lucas Nogueira Garcez; o Prefeito de Três Lagoas, Hélio Congro, e demais autoridades políticas da cidade e região (DISTRITO Industrial de Jupiá – em Três Lagoas, 16 mar., 1975, p. 01). Para oficializar o ato de fundação, e celebrar a conquista do espaço destinado a receber as fábricas, foi construído em 1975 pelo engenheiro Edson Longo Raimo, durante o Governo Municipal de Hélio Congro, um pequeno monumento como marco inaugural do primeiro distrito industrial da cidade. Na placa de inauguração localizada junto ao que ficou conhecido como “Monumento das Indústrias” apresenta-se a seguinte descrição: “Neste ponto, divisor de águas, fincado está o primeiro marco, símbolo do trabalho e da indústria [...] As suas águas [do Rio Paraná] tranquilas e imensas nos unem aqui a São Paulo, que nos estende as mãos, para podermos igualar em valor e progresso.” (MONUMENTO das Indústrias, 1975).

O “Monumento das Indústrias” abarca em seus signos, mais uma vez, a expectativa de buscar apoio no Estado de São Paulo, para trazer fábricas para Três Lagoas, os escritos em sua pedra fundamental não deixam de fora a possibilidade de fazer uma menção honrosa ao Estado mais desenvolvido do país, maneira peculiar de tentar obter, deste feito, um reflexo do desenvolvimento paulista em terras mato-grossenses. O espírito empreendedor paira sobre a cidade, congratulações são pulverizadas ao vento, como meio de exaltar nomes e ações, conquistar apoio de personalidades que podem vir a colaborar para viabilizar o projeto idealizado. Dentre os recebedores de homenagens encontra-se o Governo Federal, pois:

Graças ao Governo revolucionário implantado a 31 de março de 1964, retomou o Brasil a sua marcha ascendente propiciando trabalho a todos e desenvolvimento ao país.” [...] “Os nossos agradecimentos ao eminente homem público, de largo tino administrativo que é o professor Lucas Nogueira Garcez, que bem soube compreender os anseios do povo treslagoense [...]” (DISTRITO Industrial de Jupiá - em Três Lagoas, 16 mar., 1975, p. 01.).

Tanto o Governo Federal quanto o Diretor da CESP e ex-governador de São Paulo são considerados como grandes aliados em que se deve buscar apoio para tentar tirar do papel e do discurso, levando a tornar-se realidade o almejado projeto.

Lucas Nogueira Garcez¹⁰, alvo das maiores honrarias, chega a ser considerado “o pai do Distrito Industrial de Jupia”, é ele o homem visto como portador da chave para o “progresso” da cidade. Motivo que lhe confere o título de Cidadão Treslagoense, em meio a um ato cerimonial banhado de honrarias e interesses na posição que ocupa no cenário político nacional. No discurso proferido pelo vereador Stênio Congro encontra-se as seguintes palavras:

Temos a certeza que V. Excia. será um ótimo CIDADÃO TRESLAGOENSE prestando de futuro, outros auxílios, pugnado pela implantação em Três Lagoas (ainda em Jupia) de um Polo Petroquímico, dentro em breve futuro. O seu prestígio, a sua marcante atuação nos cenários paulista e brasileiro, são sinônimos de facilidades para conseguirmos dessa ajuda a Três Lagoas. Para esse alto ‘desideratum’ contamos, daqui para frente com o ínclito e agora irmão Lucas Nogueira Garcez [...] paulistas e mato-grossenses sempre estiveram juntos e unidos no perpassar dos anos, pautando em costumes, hábitos e ações, o mesmo estilo de vida. Os mato-grossenses sempre consideraram e muito seriamente, que o seu solo, até historicamente, é continuação da terra paulista. (DISCURSO do Vereador Stênio Congro saudando o Ex-governador Lucas Nogueira Garcez, do Estado de São Paulo, 3 dez., 1975, p. 08. (Grifo do autor).

O discurso segue distribuindo felicitações ao homenageado, não poupando florear nas palavras para poder exaltar a “grandeza” dos atos desprendidos para atender os anseios da elite treslagoense, deixando claro o interesse nas atuações de Garcez para concretizar seus projetos. Polo petroquímico por mãos de Lucas Nogueira Garcez, e por sua vez, siderúrgicas com a ajuda dos municípios da região noroeste de São Paulo. Nesta região é formada a Associação dos Municípios da Região de Urubupunga, integrada por quinze cidades paulistas e Três Lagoas, com o intuito de reivindicar uma siderúrgica para o recém inaugurado Distrito Industrial de Jupia, argumenta-se que este feito “virá ativar consideravelmente o desenvolvimento da região” (MUNICÍPIOS da Região de Urubupunga pedem Siderúrgicas para Três Lagoas, 14 mai., 1975, p. 06).

No mês de maio do mesmo ano, em Mineiro, cidade do Estado de Goiás, segue a cruzada do desenvolvimento treslagoense, com a presença do governo municipal no II Encontro do Oeste Brasileiro. Neste encontro não é deixada de lado a oportunidade

¹⁰ Lucas Nogueira Garcez foi durante os anos de 1951 a 1955 governador do Estado de São Paulo, grande incentivador da construção de usinas hidrelétricas, vindo a inaugurar as usinas de Salto Grande, Limoeiro, Euclides da Cunha e Barra Bonita, bem como os aeroportos de Congonhas e Viracopos e a finalização das obras da Via Anchieta.

de divulgar e pleitear apoio para que sejam ensaiados os primeiros passos da cidade como provedora de futura industrialização (EM REIVINDICAÇÃO apresentada, 28 mai. 1975, p. 01 e 10). Em meio a estes últimos esforços para tentar trazer fábricas para a cidade, o governo municipal troca de mãos, e aos poucos as discussões em torno do ideal de *progresso* vão deixando de ocupar espaço na imprensa local. Fala-se agora em Polocentro, e lamenta-se o desinteresse dos cidadãos treslagoenses para com a realidade local:

É incrível como os treslagoenses manifestam pouco interesse pelas coisas que dizem respeito a cidade e a vida comunitária [...] Ainda recentemente o nosso Prefeito compareceu a Tribuna da Câmara Municipal para falar sobre as perspectivas de desenvolvimento de nossa terra [...] presentes apenas os senhores vereadores, nem todos, e alguns curiosos [pessoas comuns], nada mais [...] o treslagoense é frio naquilo que toca à sua cidade e fica sempre esperando que alguém faça por ele. (FALTA de participação, 02 nov., 1975, p. 03. Grifo nosso).

Outras matérias seguem com teor virulento contra aqueles que pouco fizeram para tentar viabilizar o desenvolvimento da cidade: a Associação Comercial, o Sindicato Rural, clubes de serviços; a todos é pedido que deixem ‘a política de lado,

[...] o partidarismo e cuidemos daquilo que nos interessa direta e definitivamente [...] Que as classes se movimentem, que as entidades se manifestem, que autoridades se pronunciem [...], que se mexam Prefeitos da região, presidentes de Câmaras, povo, escolares, enfim, todos aqueles que têm uma parcela de interesse na conclusão da obra almejada [...] (FATO em Foco, 10 mar., 1976, p.01).

É latente a preocupação em não deixar que arrefeça os ânimos com intenção de dar continuidade à busca pelo desenvolvimento industrial de Três Lagoas. Seus idealizadores, neste momento temem, e começam a perceber a dificuldade existente para se tirar do papel seus projetos, a população da cidade reage de forma apática para com a preocupação desprendida por aqueles que hegemonicamente dirigem o projeto de futuro “progresso para todos”. Entretanto, quais seriam as possibilidades de ser transformado em realidade esse discurso político ideológico, mesmo com uma suposta infraestrutura energética disponível.

No momento em discussão a conjuntura vivida pelo país é de direcionar o orçamento nacional para tentar recuperar a economia de seus desequilíbrios, e para tanto, não há espaço para construção de distritos industriais e sim reativação dos que

sobrevivem em condições degradantes devido aos períodos de queda vivida pela economia nacional em anos anteriores a 1975. O panorama urbano é também um fator que age contra a realização deste projeto, uma cidade de baixa densidade demográfica, com pouco mais de meia centena de milhares de habitantes: fábricas necessitam de massa humana para poder gerar suas engrenagens. Em momento algum se fala em trabalhadores como fonte para atrair investimentos, tem-se energia abundante, máquinas não produzem sozinhas, se faz necessário número significativo de homens para operá-las.

Onde encontrar esses homens? Como formá-los operários? A vida na fábrica exige aprendizado, um processo de adaptação que impõe novos hábitos e costumes que não estão inseridos no trabalhador naturalmente. Há necessidade de criar formas para inserir o trabalhador nesse novo “modo de vida”, ele, em hipótese alguma, caminhará em direção a esse estranho “mundo novo” voluntariamente.

Considerações Finais

Montaram todo um aparato ideológico para atrair fábricas, discursou sobre energia, distrito industrial, desenvolvimento e política; e ignoraram um fator importante: fábricas representam *progresso*, lucro e poder; mas também representam exploração da força de trabalho. E a sociedade industrial quer isto, abundância de energia em todos os sentidos, tanto a elétrica quanto a humana, sem a combinação desses dois fatores não se pode movimentar a produção industrial.

Desde já podemos supor que o silêncio existente no discurso da elite orgânica treslagoense, no que tange questões sobre trabalho na cidade, pode advir de um grande problema ignorado, com o intuito de camuflar a insuficiência de bases sólidas capazes de complementar o projeto de industrialização da cidade: a ausência de força de trabalho suficiente para atender tais aspirações, e a incapacidade de montar estruturas para formação de mão-de-obra adequada para atender a linha de produção fabril, o que é de suma importância em momentos de transição do capitalismo.

Em síntese, existe um projeto da esfera política e econômica de parte da sociedade local, é bem neste universo local que todo aparato ideológico alimentado por essa elite orgânica vai ser mantido em seus desdobramentos. Ainda não ocorreu o

progresso, desejou-se muito, para pouca capacidade de empreendimento concreto, tentaram alianças e apoio, mas se perderam pelo caminho em meio à realidade nacional vigente. Quase três décadas depois, outra geração pertencente à elite do lugar reformulará o bloco político hegemônico e reproduzirá discurso semelhante, olhando para o outro lado da barranca do Rio Paraná esperando o tão almejado progresso “atravessar a fronteira” em direção à cidade de Três Lagoas e seu Estado.

Bibliografia

AQUINO, Maria A. *Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978)*. Bauru, SP: Edusc, 1999.

BAENINGER, Rosana. *São Paulo e suas migrações no final do século 20. São Paulo Perspectiva*. 2005, vol.19, n.3, pp. 84-96.

CENTRO da Memória da Eletricidade no Brasil. *Panorama do setor de energia elétrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 1988.

CHESNAIS, François; SERFATI, Claude. “Ecologia” e condições físicas da reprodução social: Alguns fios condutores marxistas. In: _____. *Crítica Marxista*, n. 16, 2003. p. 39-75.

DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª ed., 1981.

DUPAS, Gilberto. *O mito do progresso ou progresso como ideologia*. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

GRAMSCI, Antônio. Caderno 12 (1932). In: _____. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, v. 2, p. 13-53

_____. *Concepção Dialética da História*. 9ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 15ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

Documentos Consultados

CENTRO da Memória da Eletricidade no Brasil. As transformações do setor de energia elétrica no Brasil de 1962 aos dias atuais. In: *Panorama do setor de energia elétrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 1988, p. 194.

COSTA, Benedito. Fato em Foco. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 16 fev. 1975, p. 01.

COSTA, Benedito. Fato em Foco. *Jornal do Povo*. Três Lagoas, 19 fev. 1975, p.01.

DISCURSO do Vereador Stênio Congro saudando o Ex-governador Lucas Nogueira Garcez, do Estado de São Paulo. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 3 dez. 1975, p. 08.

DISTRITO Industrial de Jupia - em Três Lagoas. *Jornal do Povo*. Três Lagoas, 16 mar. 1975, p. 01.

FALTA de participação. *Jornal do Povo*. Três Lagoas, 02 nov. 1975, p. 03.

FATO em Foco. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 10 mar. 1976, p.01.

FATO em Foco. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 02 fev. 1975, p. 01.

FATO em Foco. *Jornal do Povo*. Três Lagoas, 12 jan. 1975, p.01.

FATO em Foco. *Jornal do Povo*. Três Lagoas, 18 mar. 1975, p. 01

FUNDAÇÃO Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Divisão de Pesquisa em Mato Grosso do Sul – DIPEQ/MS. Setor de Documentação e Disseminação de Informações *CENSO Demográfico*, 1970, p. 234-341.

HISTÓRICO. *Jornal do Povo*. Três Lagoas, MS, 17 ago. 2007. Disponível em:<<http://www.jptl.com.br/index1.htm>>. Acesso em 17 ago. 2007.

JOBALO. Sonho de progresso. *Jornal do Povo*. Três Lagoas, 15 jun. 1975, Edição especial de aniversário da cidade. Não paginado.

MONUMENTO das Indústrias, *Distrito Industrial de Jupia*, Três Lagoas, 1975.

MUNICÍPIOS da Região de Urubupunga pedem Siderúrgicas para Três Lagoas. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 14 mai. 1975, p. 06.

PREFEITURA Municipal de Três Lagoas Estado de Mato Grosso. *Lei n. 435*, 20 Jan. 1975.

SECRETARIA Municipal de Assistência Social, Cidadania e Trabalho. Fontes Energéticas. *Conhecendo Três Lagoas*. Três Lagoas, 2005.